

## ***O diplomata polonês sobre a influência da Segunda Guerra Mundial sobre a situação no Brasil.***

Ryszard Stemplowski

O relatório aqui publicado do Ministro-Plenipotenciário polonês no Brasil encontrei, em 1974, no Arquivo que constitui parte do Polish Institute and Sikorski Muzeum, em Londres, onde é guardado na Coleção de Arciszewski.

Dr. Tadeusz Skowroński assumiu o seu posto no Brasil em 1938, substituindo nesse cargo Tadeusz St. Grabowski. Skowroński assumiu o seu posto no período de introdução da nova política do governo brasileiro face aos estrangeiros no Brasil, política denominada pelos imigrantes polonêses de «nacionalização», e ao mesmo tempo após o período de realização por algumas instituições na Polônia das concepções colonizadoras expansionistas. Se além disto levamos em consideração a sensibilidades do diplomata polonês em relação a tudo, que estava ligado com o curso da guerra, o relatório de Skowroński constitui documento de um competente observador dos fenómenos descritos.

Franciszek Arciszewski, então coronel diplomado, era Adido Militar junto à Legação da República da Polónia no Rio de Janeiro, desempenhando aí, simultaneamente, a função de Plenipotenciário do Comandante Supremo (isto é, do general Władysław Sikorski) para os assuntos do recrutamento de voluntários para as Forças Armadas Polonesas que lutavam na Europa Ocidental. O relatório de Skowroński, o único desse tipo de documento contido na citada coleção, constitui parte da documentação dessa ação.

Sobre a ação de recrutamento no Brasil já escrevi em outro lugar<sup>1</sup>, contudo o relatório aqui publicado foram editados em idioma polonês, juntamente com outros 14 documentos, na coleção por mim preparada das fontes do lembrado arquivo, publicado pelo Instituto de «Polonia» da Universidade de Jagiello, em Cracóvia intitulado *Imigrantes polonêses no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. Seleção de documentos.*

*Ryszard Stemplowski*

---

<sup>1</sup> R. Stemplowski: *Rekrutacja w Brazylii do oddziałów Sikorskiego [Recrutamento no Brasil para as tropas de Sikorski]*, «Przegląd Polonijny», 1976, n° 1, pp. 69 - 80. Traduções desse artigo para os idiomas inglês e francês apareceram nos anuários de 1976 das revistas: «Polish Westrn Affairs» e «La Pologne et les Affaires Occidentaux».

**8 de outubro de 1942, Rio de Janeiro. - Relatório de Skowroński para o Ministério das Questões Estrangeiras [polonês] em Londres, sobre a questão do relacionamento face aos agrupamentos de estrangeiros, tendo em vista a entrada do Brasil na guerra.\***

A Legação havia já informado, em seus relatórios anteriores<sup>1</sup>, sobre a reação da sociedade brasileira, as determinações do Governo e os meios que foram empreendidos no sentido da liquidação da <sup>a</sup>Quinta Coluna<sup>a</sup> no território brasileiro.

Deve-se reconhecer que o Governo Federal faz realmente tudo que esteja em seu poder no sentido da repressão em relação a <sup>a</sup>Quinta Coluna<sup>a</sup> e a luta contra a espionagem. Contudo, nos diversos estados essa ação não se expressa de igual maneira. Assim, as repressões mais fortes foram empreendidas no Estado do Rio Grande do Sul e numa série de estados do norte, enquanto, por exemplo, no Estado do Paraná - como foi assinalado pelo Consul-Geral J. Gieburowski - as autoridades locais partem do princípio de que, desde o momento em que o Alemão ou o Italiano tenha nascido no Brasil, é por direito, e deveria ser por convicção, um Brasileiro<sup>a</sup> leal, graças ao que essas <sup>a</sup> pessoas do Eixo<sup>a</sup> [osiowcy<sup>a</sup>] gozam de uma relativa liberdade de movimentação, e inclusive da assistência do Governo Estadual.

Pensando logicamente, poderia parecer que a entrada do Brasil na guerra teria criado uma nova era para os Polonêses e outras nacionalidades aquí estabelecidas, que pertencem ao bloco dos Países Aliados, e que a política chamada nacionalizante<sup>a2</sup> em relação a esses últimos viria a sofrer uma radical mudança. Contudo, nas condições específicas locais, a entrada do Brasil na guerra teve uma consequência bem contrária e pode-se constatar sem receios de que a situação dos Polonêses, Holandêses, Belgas, e inclusive dos Inglêses, sofreu uma grande piora.

1. Antes de tudo, a entrada do Brasil na guerra tornou-se para os iniciadores do movimento de nacionalização uma espécie de

---

\* a, a-a - aspas no texto (palavra, fragmento); b - transcrição do original

<sup>1</sup> Não foi encontrado

<sup>2</sup> Expressão usada então pelos imigrantes polonêses no Brasil. Trata-se da política iniciada pelo governo de Vargas em 1937 - 1938 frente as pessoas que habitavam no Brasil nascidas no estrangeiro ou de seus descendentes.

confirmação e prova de que a luta por eles iniciada contra o <sup>a</sup>-espírito estrangeiro<sup>a</sup> era uma iniciativa de perspectiva, inteligente e patriótica, e que somente graças a ela o Brasil, que possui a maior porcentagem de aglomerados estrangeiros na América Latina<sup>3</sup>, poderia dominar a situação interna com uma facilidade relativamente grande, do que a palavra de alguns milhões de cidadãos do Eixo<sup>a</sup> no Brasil<sup>4</sup> em nada pesou e não conseguiu retardar a decisão do Brasil de se encontrar nas fileiras dos Países Aliados. Deve-se reconhecer aqui, imparcialmente, que os adeptos da nacionalização<sup>a</sup> têm nesse aspecto certa razão. Se a luta imperdoável contra o elemento estrangeiro, e antes de tudo contra as organizações nazistas no Brasil não tivesse sido conduzida, metódica e conseqüentemente, desde há alguns anos, frente a moderna organização e o papel da <sup>a</sup>Quinta Coluna<sup>a</sup>, juntamente com a condução das ações de sabotagem e espionagem à perfeição, seria difícil para o Brasil assumir uma posição tão decidida e autônoma, como a que teve lugar em 22 de agosto de 1942.<sup>5</sup>

2. A entrada do Brasil na guerra provocou uma reação espontânea de xenofobia, crescida aliás na base idêntica da ação de nacionalização. O Brasileiro médio, não se sentindo diretamente ameaçado pelas ações de guerra, vê o perigo em cada estrangeiro que habita no Brasil, tendo o mais que o Governo, através do rádio, dos cartazes de rua, dos artigos na imprensa, instiga todos os Brasileiros natos a estarem vigilantes e à luta contra o inimigo interno. Após editar a proibição de se conversar em lugares públicos em idioma alemão, italiano e japonês, cada som da língua estrangeira na rua é considerado como <sup>a</sup>traição nacional<sup>a</sup>. Numerosos são os casos de espancamento e molestamento de Inglêses, Americanos<sup>6</sup>, Polonêses e representantes de outras nacionalidades que conversavam alto na rua em sua língua. Ultimamente, por exemplo, foram presos por engano

---

<sup>3</sup> Mais precisamente: a maior parte dos imigrantes na América Latina. Em relação ao todo da população do país, o maior por cento de imigrantes possuía a Argentina (cerca de 18,4% em 1940), G. Germani: *Estructura social de la Argentina*, Buenos Aires 1955, p. 81.

<sup>4</sup> Em 1943 habitavam o Brasil cerca de 42 milhões de pessoas. A expressão «milhões de cidadãos» da Alemanha; Japão, Itália, não é precisa.

<sup>5</sup> Data da entrada para a guerra do lado dos Aliados.

<sup>6</sup> Skowroński utiliza a expressão correntemente aceita na Polônia de habitantes dos Estados Unidos da América.

um dos secretários da Embaixada Inglesa e dois especialistas da Missão Americana, como estrangeiros suspeitos.

Seria realmente difícil exigir que as camadas inferiores da sociedade brasileira, composta em grande parte por negros, mulatos e mestiços, como igualmente os funcionários inferiores da polícia, estivessem em condição de diferenciar o idioma inglês ou polonês do alemão.

De resto, as autoridades locais referem frequentemente a circunstância, comprovada por fatos, de que no seio das chamadas colônias de aliados existem importantes facções de Quislingistas<sup>7</sup> desse modo deve-se dar uma atenção ainda maior as mesmas. Na colônia tcheca, por exemplo, os seguidores de Hacha<sup>8</sup> estão bastante fortemente representados, com o conhecido industrial, Senhor Bata<sup>9</sup>, a frente. Igualmente na colônia holandesa, por exemplo, de São Paulo, a maioria declarou-se favorável a Mussert<sup>10</sup>. Na colônia norueguesa as influências de Quisling eram bastante fortes. Um interessante detalhe nesse aspeto é o fato da internação num campo de concentração, por parte das autoridades brasileiras, do ex-secretário da Legação Norueguesa no Rio de Janeiro, o senhor Sandberg, que ainda há dois anos atrás exercia funções oficiais. O numeroso grupo de Croatas e Alemães iugoslavos causam sérios problemas para a Legação Iugoslava, que foi intimidada pelas autoridades brasileiras a elaborar uma lista de cidadãos iugoslavos suspeitos. O papel da fração de Francêses, que dispõem aqui de grandes influências, é mais do que ambígua e incerta. Em verdade, a opinião pública e as autoridades locais estão bem orientadas de que a Polónia é o único país dentre os Estados conquistados da Europa que não editou o seu Quisling<sup>a</sup>, entretanto não se deve esquecer que com passaportes polonêses apresentam-se no Brasil cerca de 80 000

---

<sup>7</sup> Sinónimo de colaboracionista; vem de Vidkun Quisling (1887 - 1945), primeiro-ministro do governo norueguês que colaborou com as autoridades alemãs.

<sup>8</sup> Emil Hácha (1872 - 1945), Presidente da República da Checoslováquia (após os tratados de Munique), em 1939 transmitiu todo o poder a Hitler, presidente do Protetorado da Região Checa e da Morávia.

<sup>9</sup> Família Bata, fabricantes de sapatos, etc., desde 1894, antes da Segunda Guerra Mundial as maiores fábricas desse tipo na Europa. Aqui: Jan A. Bata, ver V. Nalevka: *El consortio de Bata em América Latina durante la segunda Guerra Mundial*, «Ibero-Americana Pragensia», 1971, pp. It3 - 192.

<sup>10</sup> Anton A. Mussert (1894 -1946), chefe dos fascistas holandeses; o seu Movimento Nacional-socialista obteve, em 1935, 8 por cento dos votos nas eleições para os Estados da Província.

Ucrainos<sup>11</sup>, em enorme maioria inquestionáveis adeptos da Alemanha, constituindo o mais possível e comodo elemento para a ação de espionagem e <sup>a-</sup>Quinta Coluna<sup>-a12</sup>.

Nessas condições o fato da sociedade brasileira considerar cada estrangeiro como suspeito tem a sua justificação lógica<sup>13</sup>.

Uma categoria especial constituem os grupos nacionais que se apresentam sob a denominação de Alemães, Austríacos, Italianos, Romanos, Húngaros, etc., livres<sup>a14</sup>. A atitude das autoridades brasileiras em relação a esses agrupamentos é desfavorável e as autoridades locais negam-lhes apoio e cooperação. Os comites antinazistas dos citados agrupamentos surgiram no período entre o rompimento das relações com a Alemanha, Itália e o Japão, e a entrada do Brasil na guerra, se bem que aí poderia se constatar que os Comites Austríacos apresentavam a majar mobilidade. O governo brasileiro consentia, inicialmente, na formação desses Comites antitotalitários, a seguir entretanto determinou a sua liquidação.

A tentativa mais importante nesse aspecto foram os esforços do conde Sforza, ex-Ministro dos Assuntos Estrangeiros da Itália<sup>15</sup>, bem conhecido aqui nesga região, que em passagem para o Congresso dos <sup>a-</sup>Italianos Livres<sup>-a</sup>, em Montevideo, deteve-se no Rio de Janeiro com o fim de manter negociações com o Governo Brasileiro. Entre outras, manteve uma conferência de duas horas com o Ministro das Relações Exteriores, o ministro [kanclerz] Oswaldo Aranha, que não levou entretanto a quaisquer resultados práticos e não influenciou sobre o relacionamento positivo face ao movimento dos <sup>a-</sup>Italianos Livres<sup>-a</sup> por parte das autoridades brasileiras. Entre parenteses deve-se sublinhar que as consignas republicanas do conde Sforza não encontraram a ressonância esperada na maior parte da fração anti-

---

<sup>11</sup> Ver M. Kula: *Polonia Brazylijska [Colônia Polonesa no Brasil]*, em impressão, pp. 23-24.

<sup>12</sup> Os materiais não publicados aqui desse mesmo arquivo referentes à situação na Argentina, indicam a existência aí de tres orientações no seio da imprensa e das sociedades ucrainas: pro-alemã, pro-soviética e pro-polonesa (a mais fraca). Ver *Los ucrainianos en la Argentina*, notas e introdución de R. Stempowski, «Estudios Latinoamericanos» Vol. 3, 1976, pp. 289 - 307.

<sup>13</sup> A atmosfera dominante então de suspeita na América Latina foi excelentemente transmitida pelo escritor polonês M. Choromański: *Głównictwo, moglitwa i praktykarze [Cabeçalario, possivoração e practicadores]*, vols. 1, II Poznań 1971, ver nota bibliográfica em «Estudios Latinoamericanos», Vol. 2, 1974, p. 247.

<sup>14</sup> Ver W. Kiessling: *Alemania Libre in Mexico*, t. I, II, Berlin 1974.

<sup>15</sup> Carlo Sforza ( 1872 - 1952), ministro dos Assuntos Estrangeiros (1920 - 1928) e (1947 - 1951).

fascista da colônia italiana local, que recrutando-se principalmente das províncias italianas do norte é mais afeta a Casa Real de Sabaude do que se tem lugar, por exemplo, na Argentina e no Uruguai, onde a emigração origina-se principalmente de Nápoles e da Sicília, sendo em sua maioria operária e em geral afeta às ideias de esquerda<sup>16</sup>.

3. Além disto deve-se considerar que em relação a <sup>a</sup>minoria polonesa<sup>a17</sup>, particularmente nos Estados salinos, as autoridades nacionalizantes não podem esquecer jamais os erros da nossa política, ainda mais que possuem elas as provas irretorquíveis dos planos fantásticos, preparados em verdade por elementos irresponsáveis, entretanto referentes a separação do Paraná do Brasil e a criação do chamado «triângulo polonês» na fronteira com a Argentina e o Paraguai. Todos os documentos relativos a essa questão foram editados em dois volumes do chamado <sup>a</sup>Livro Amarelo<sup>a</sup>, que em certa ocasião o ministro brasileiro das Relações Exteriores mostrou-me. Serão necessários longos anos para apagar essa impressão desagradável provocada por essas revelações, as quais os órgãos nacionalizantes até hoje se referem<sup>18</sup>.

4. A entrada do Brasil na guerra, como já foi assinalado anterioremente, despertou um sentimento nacionalista mais forte ainda, que nas condições locais manifesta-se antes de tudo através da xenofobia. Enquanto até agora só as gerações mais jovens e os militares foram tomados pelo movimento nacionalista, presentemente, os mais idosos, que até agora mantinham uma atitude liberal, foram atraídos à órbita da chamada <sup>a</sup>ação patriótica<sup>a</sup>.

Essa questão tem igualmente o seu aspecto social, tendo em vista que a maioria das grandes empresas, bancos, etc. pertence ao capital estrangeiro, que o Governo, aproveitando a conjuntura favorável, aceleradamente nacionaliza. Desse modo passou para as mãos do governó em resultado do acordo americano<sup>19</sup>-inglês-brasileiro, a

---

<sup>16</sup> Ver R. Stemplowski: *Zależność i wyzwanie. Argentyna wobec rywalizacji mocarstw anglosaskich i III Rzeszy [Dependência e desafio. Argentina face a rivalização das potências anglo-saxas e o III Rixo]*, Warszawa 1975, pp. 93 - 95, 125, 128, 204 - 205.

<sup>17</sup> Na questão da aplicabilidade da noção «minoria nacional» na América Latina, ver idem, pp. 210 - 211.

<sup>18</sup> Ver R. Stemplowski: *Enlistment in Brazil to the Polish Armed Forces, 1940 - 1944*, «Polish Western Affairs», 1976, p. 167.

<sup>19</sup> Nota 6.

grande empresa industrial de mineração <sup>a</sup>Itabira Iron<sup>a</sup>. Presentemente estão sendo nacionalizadas todas as maiores empresas, bancos, etc. que pertencem aos cidadãos do «Eixo». Com frequência cada vez maior fala-se da compra e da estatização dos grandes consórcios de carne Swift<sup>a</sup> e Armour<sup>a20</sup>

Recapitulando, deve-se afirmar o seguinte: a entrada do Brasil na guerra fortaleceu ainda mais fortemente as simpatias para com a Polônia e a sua situação internacional, provocando, para conosco, o reconhecimento na queles círculos que até agora submetiam-se às maiores influências da propaganda alemã, a saber nos círculos militares. Manifestação dessas simpatias e admiração para a posição da Polônia foi, por exemplo, no dia 1 de setembro do corrente ano, no aniversário do ataque alemão a Polónia, uma manifestação espontânea por ocasião da Assembleia, organizada pela Legação na sede da União dos Jornalistas Brasileiros. Essa manifestação toman um caráter não registrado pela Legação desde o início da guerra e expressou-se, entre outras coisas, pela participação espontânea de elementos oficiais, representantes do Exército e da Marinha.

As ressonâncias na imprensa, dos mais distantes recantos do Brasil, comprovam o grande crescimento do peso genérico da Polónia, não só da Polónia heroica e sofrida, mas também como aliada militar do Brasil, cuja contribuição real para a guerra atual deveria ser adequadamente apreciada.

Entretanto deve-se assinalar entre parenteses que enquanto até agora a Polónia indivisivelmente representava na opinião brasileira o <sup>a</sup>símbolo do heroísmo e da luta cheia de dedicação<sup>a</sup>, agora em relação com a defesa de Sebastopol, Estalingrado, etc., como maior frequência é destacado atualmente o exemplo da Rússia.

O acima não tem entretanto nada em comum com o relacionamento das autoridades brasileiras na província frente a questão da nacionalização, que no Brasil é considerada como imperiosidade estatal, indeferentemente se trata dos Aliados ou também dos representantes dos países do <sup>a</sup>Eixo<sup>a</sup>; naturalmente em dada situação os Polonêses são bem melhor tratados e em relação a eles não são cometidos atos de violência e terror. Todavia os nossos

---

<sup>20</sup> Essas empresas pertenciam aos capitalistas anglosaxes.

Consulados no Brasil dão parte dos incidentes, principalmente no pano de fundo da utilização do idioma polonês na igreja ou nos lugares públicos.

Seria um erro entretanto atribuir esse estado de coisas a uma campanha anti-polonesa preconcebida, quando em resultado trata-se de uma campanha anti-estrangeiros em geral. Em todas as conversas emitidas pelo rádio, nos artigos lançados pela imprensa e em declarações de outros tipos, constantemente sublinho que o único elemento no sul, em que podem se apoiar os Brasileiros, são os colonos poloneses aí estabelecidos. Interessante é que todos concordam com essa afirmação. Ultimamente, inclusive o Ministro das Relações Exteriores, Sr. Oswaldo Aranha, disse em conversação comigo sobre esse tema, que <sup>a</sup>felizmente no Estado do Paraná e do Rio Grande do Sul está o os Poloneses, que justificadamente odeiam os Alemães pelas injustiças cometidas, e que são <sup>b</sup>awanguarda da luta contra o inimigo comum<sup>a</sup>.

Apesar desse tipo de declaração que escutei não só da boca do Ministro das Relações Exteriores, mas também do Presidente Vargas, a nacionalização progride, particularmente agora na época da exaltação patriótica, quando os elementos mais liberais não podem compreender que se encontram tais pessoas que num <sup>a</sup>momento histórico<sup>a</sup> não querem identificar-se como Brasileiro e seguidamente cultivam dialetos estrangeiros, e o que é pior inculcam essas ideias em suas crianças aqui nascidas, que por direito pertencem já indivisivelmente ao Brasil.

Nada de estranho que os colonos poloneses com frequência cada vez maior manifestam a vontade de retorno em massa para a Polônia, após a guerra, o que apesar do relativo bem-estar que obtêm no Brasil parece ser não só uma ameaça, mas uma reação sincera e decidida relacionada com a situação que se criou após 1938, isto é, desde o momento da introdução da nacionalização<sup>a</sup>.

Copia.

Tradução do polonês.